

## PRA LER COM OS OUVIDOS ABERTOS!

Resenha do CD Leia-me, inédito, da cantora Polímnia Garro

Leia-me, primeiro CD da cantora Polímnia Garro, mineira radicada em São Paulo, pode ser visto como um filme. Nesse sentido permite várias leituras, desde as mais subjetivas até as mais generalizantes. Nesta última perspectiva ele pode ser visto como um sintoma da crise da indústria fonográfica, ou melhor, como uma alternativa viável ao propor uma forma de produção que trás em si um novo paradigma ideológico que orienta "os independentes e pode ser resumido, grosso modo, na tríade: criatividade - baixo custo - qualidade. Num plano mais subjetivo ele pode ser lido como um pequeno mas eficaz gesto de ousadia; uma por optar somente por compositores praticamente desconhecidos do grande público, outra por ser descaradamente pop na melhor acepção do termo sem, com isso, resvalar em qualquer tipo de concessão à grande indústria.

A voz de Polímnia é frágil e em alguns momentos soa como um sussurro ao pé do ouvido como se estivéssemos dentro de uma sala de cinema assistindo o filme ao seu lado. O filme na tela segue com cenas de amor sincero, solidão desesperada, medo claustrofóbico, suspense hitchcockiano e uma dose de humor sarcástico, todos

ingredientes necessários para se prender a atenção de uma pessoa por algumas dezenas de minutos. O elenco, repito, é uma das escolhas mais ousadas por apresentar praticamente só atores desconhecidos do grande público. O resultado porém, impressiona pela coesão, pela fotografia perfeita e pela qualidade técnica da película. Quem ouve com os olhos bem abertos jamais vai imaginar as condições em que foi realizado. Abro um parêntesis aqui para destacar o trabalho fundamental do diretor/produtor responsável pelo orquestramento de toda a ação que transcorre no disco; Renato Villaça conseguiu o que poucos diretores em início de carreira conseguem com tão poucos recursos: conciliar com maestria rigor e experimentação.

Arranjos eficientes vestem melodias simples e delicadas, destacadas por letras pungentes, muitas melancólicas, conduzidas pela singeleza da voz de Polímnia. Mas não se engane, há no disco um quê de crueldade, um suspense no fim de cada faixa. Toda delicadeza de Antes, por exemplo, que abre o disco, é subvertida logo em seguida pela aspereza de Famigerado e pela tensão na expectativa de Tocaia. Esta talvez seja a

canção mais próxima de um formato radiofônico industrial. O que vem a seguir são canções como Siderar, Madrugada, Ávida ou Dionisiaca, a confirmar o talento de uma nova geração de compositores como Renato Villaça, Sérgio Ramalho e Renato Negrão que ora despontam na cena mineira. Talvez um dos maiores méritos do disco, num momento em que se questiona a noção de álbum fechado e que as novas mídias apontam para venda avulsa de canções, seja o de ter conseguido alinhar todas as canções, deixando entrever uma tênue mas nítida linha de comunicação entre todas as faixas, reiterando a impressão cinematográfica de plano-sequência.

Por fim, a beleza de versos como " e a vida quase sempre vinga, de si nutre mais do que se intoxica / e gente pela vida passa até que um dia 'd' de repente a vida vinga-se ávida" cantados na voz enganosamente frágil de Polímnia, provocam no ouvinte-telepctador uma estranheza que o arranjo delicado e melancólico vem reiterar. Ou ainda Dionisiaca, que evoca mitos pagãos e sugere estados alterados de consciência reforçados pelos vocais sombrios, quase sobrenaturais. Em Tesoura, recursos e

métodos da música eletrônica: recortar-colar, utilizados como instrumento de edição da canção popular. Por fim, o habilidoso compositor Luíz Fernando aceita o desafio leminskiano e compõe uma bela

canção com o poema que dá título ao disco (sua atuação não deixa a dever, diga-se de passagem, a atores mais conhecidos como Moraes Moreira ou Itamar Assumpção).

E eis que chegamos ao fim da sessão com a sensação de que algumas imagens vão ficar na memória e certamente farão parte da trilha sonora de nossas vidas!